



DIVULGAÇÃO IBÁ



POR PAULO HARTUNG

Economista, presidente-executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), membro do conselho do Todos Pela Educação, ex-governador do Estado do Espírito Santo (2003-2010/2015-2018)
E-mail: presidencia@iba.org



indústria brasileira de árvores

ADOBE STOCK



POR UM 2021 MAIS VERDE

Iniciamos 2021 ainda convivendo com problemas de 2020. As marcas de um ano tão duro ficarão entre nós por muito tempo. Mas começamos um novo ciclo e não podemos nos dar ao capricho de perder mais tempo para enfrentar e solucionar temáticas fundamentais. Para além da pandemia e da necessidade latente de realizar vacinação em todo o Brasil, temos de encarar com maturidade os desafios socioeconômicos e a questão ambiental.

O ano de 2020 colocou o País em situação defensiva nas discussões sobre meio ambiente, quando nosso potencial natural é de protagonismo no debate. O crescimento de atos ilícitos na Floresta Amazônica, como desmatamento, queimadas, grilagem de terras e garimpo ilegal, elevou o tom das cobranças. O setor produtivo brasileiro, inclusive, já foi demandado por consultas públicas europeias.

Neste ano, os desafios ambientais precisam ser encarados como cruciais para escrevermos novos capítulos na história. Globalmente, o assunto ganhará ainda mais força. Junto a todas as iniciativas mundiais que visam a uma retomada verde no pós-pandemia, especialmente duas conferências das Nações Unidas, que poderão ter desfechos fundamentais para o planeta.

A COP-15 da Convenção da Diversidade Biológica (CDB) está sendo considerada uma Super COP. Nesta edição será estabelecida uma nova Estratégia Global de Biodiversidade para os próximos dez anos. As metas lá definidas serão guias para atuação de nações e setor privado, com objetivo primordial de preservação da fauna e da flora.

Já a COP-26 de Mudança Climática, em Glasgow, pode ser um marco e definitivamente fazer com que o Acordo de

Paris saia do papel, especialmente com a implementação do Artigo 6, fundamental para estabelecer um mercado global de carbono e acelerar o mundo rumo a uma nova economia.

É importante que o País vá com uma comitiva preparada para ambas as ocasiões. Mais do que isso, é essencial que todos os representantes olhem para a mesma direção. Nesse sentido, o Brasil, inclusive, tem bons exemplos de atuação dentro dos conceitos da bioeconomia. São ações reconhecidas globalmente e que poderiam ser faróis a iluminar a caminhada numa mesma rota de sustentabilidade.

Na Amazônia, já há modelos de produção sustentável. Dois exemplos muito conhecidos são o açaí, fruto nacional que ganhou o mundo e, atualmente, movimenta US\$ 1 bilhão por ano, e a castanha-do-pará, oleaginosa também chamada de castanha do Brasil e disseminada internacionalmente, que gera sustento à região e ainda tem potencial para expandir mercados.

Fora da Floresta Amazônia, temos mais dois grandes trabalhos de muito sucesso. Pioneiro no uso de biocombustíveis, o País alcançou a posição de segundo maior produtor mundial de etanol. A Raízen deu um passo além e começou a exportar tecnologia para produção do etanol de segunda geração.

O setor de árvores cultivadas, por sua vez, vem há décadas dando mostras de que está comprometido com trabalho sustentável. Empresas são voluntariamente certificadas pelos principais selos internacionais, algumas há mais de 20 anos. São 7,4 milhões de hectares certificados por sistemas internacionais como o Forest Stewardship Council (FSC) e o PEFC, que atestam práticas socialmente justas, ambientalmente responsáveis e economicamente viáveis.

Manejo sustentável no campo, conservação e preservação, aliados ao investimento para diminuição dos impactos nas unidades fabris, geram resultados positivos para o meio ambiente, como estoque de 4,48 milhões de toneladas CO₂ eq., área de 5,9 milhões de ha destinada para florestas naturais e geração de 69% da energia utilizada em suas fábricas, quase que a totalidade vinda de fontes renováveis. Todo esse esforço gera produtos ambientalmente corretos, presentes no dia a dia de todos e com enorme potencial de substituir os de origem fóssil.

Estas iniciativas adequadas são percebidas globalmen-

te. As empresas CMPC, Klabin, Suzano e WestRock foram reconhecidas pelo Índice Dow Jones de Sustentabilidade (DJSI). O DJSI indica companhias líderes mundiais em desempenho econômico social e ambiental, além de práticas de governança. Duratex e Klabin figuraram na prestigiada 'A List' pelo combate às mudanças climáticas, elaborado pelo Carbon Disclosure Project (CDP).

Ainda vale o registro de que as empresas do setor que fazem parte do Índice de Sustentabilidade da B3 (Duratex Klabin, Gerdau e Suzano) estão na carteira do Índice Carbono Eficiente (ICO₂ B3) divulgada neste início de ano. Participam desta carteira as 100 empresas com ações mais negociadas na bolsa e que adotam iniciativas de transparência em relação à emissão de gases efeito estufa.

Ou seja, o Brasil tem *cases* de bioeconomia já reconhecidos, possui uma imensa riqueza natural, como a maior floresta tropical do mundo e maior biodiversidade do planeta, e tem grandes oportunidades para voltar a se posicionar como vanguardista no cuidado com o meio ambiente.

O caminho para uma nova era está aberto, basta colocarmos em prática ações que demonstrem que o País quer pegar a rota correta. Entre outras atitudes, é preciso ter metas para conter o desmatamento e cumpri-las; investir em tecnologia e segurança para coibir atos ilegais na Floresta Amazônica; e estabelecer políticas públicas que incentivem a bioeconomia, especialmente na Amazônia, região que possui mais de 25 milhões de habitantes. São brasileiros que vivem um paradoxo: ao mesmo tempo em que vivem em um local de uma natureza rica e com extremo potencial, possuem um IDH baixo e necessitam de infraestrutura básica, como saneamento e comunicação.

Toda a crise instalada nos últimos meses não ficou para trás com a virada de ano. A pandemia não acabou, a crise ambiental resiste e os graves problemas sociais persistem. Mas temos condições para fazer o que é correto, desviando-nos do caminho fácil do negacionismo desastroso e/ou da procrastinação nociva. Temos meios para fazer de 2021 um ano mais verde, porque temos potenciais ímpares, experiências exitosas e todo um mundo de oportunidades para fazer deste País, e deste planeta, um hábitat cada vez mais sustentável para as atuais e futuras gerações. O tempo é agora. ■